

JOSÉ V. DE PINA MARTINS
*UMA BIBLIOTECA
HUMANÍSTICA*

*Os objectos procuram aqueles
que os amam*

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

*formar uma biblioteca co-
nas num espaço interior
do de um amor à beleza
e o resultado de um acto
mesmo acto.*

JOSÉ V. DE PINA MARTINS

JOSÉ V. DE PINA MARTINS
UMA BIBLIOTECA
HUMANÍSTICA

*Os objectos procuram aqueles
que os amam*

Fundação Calouste Gulbenkian
2015

em Roma a ideia do que havia de vir a escrever: “[i]ngens michi forsan in posterum scribendi meteria oblata est”⁵⁹. Assim ficou para a eternidade como o primeiro moderno.

Uma lenda conta que entrou no grande sonho quando para sempre adormeceu sobre o precioso manuscrito iluminado por Simone Martini, e Pina Martins recorda-a no prólogo de *Histórias de Livros para a História do Livro* que dedica ao VII centenário da morte do poeta⁶⁰. É acolhedora, a luz intensa sob a qual refulgem a iluminura do *Virgilius* de Petrarca, os *Opera*, *Il Secreto*, como o livro aberto onde está escrita a vida de José V. de Pina Martins.

JOSÉ VITORINO DE PINA MARTINS E A CONSOLAÇÃO DOS LIVROS

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

José Vitorino de Pina Martins distinguiu-se em vários domínios da atividade académica e intelectual. Foi um investigador operoso no domínio

mitum miror” (Francesco Petrarca, *Le Familiari*, edizione critica per cura di Vittorio Rossi, Firenze, Sansoni [Edizione Nazionale], 1933, *Fam.* 2. 14, 3 [p. 103]).

59 Francesco Petrarca, *Le Familiari*, *Fam.* 2. 14, 1 [p. 103].

60 “Perguntei um dia a um estudioso de Petrarca – depois de Pierre de Nolhac o melhor conhecedor moderno dos códices da sua biblioteca – se lhe parecia provável ter sido o *Virgilius* hoje ambrosiano o manuscrito sobre o qual o humanista adormeceu para sempre. Com um sorriso levemente céptico respondeu-me: – Talvez não, mas há tradições que é bom respeitar...” (*Histórias de Livros para a História do Livro*, p. 2).

dos estudos italianos e portugueses, entrelaçando muitas vezes uns e outros, em regime de invulgar solidez. Foi um filólogo, no sentido mais amplo e aberto da palavra: editou textos, concebeu e comparou leituras, no sentido de retificar erros de interpretação e de instituir sentidos novos. Interveio em polémicas, para evidenciar fundamentos menos considerados e procurar a verdade possível. Elaborou bibliografias, em função de critérios de mérito e importância, no pressuposto certo de que, pelo menos no âmbito dos estudos humanísticos, elas constituem instrumento indispensável na aferição e no progresso do conhecimento. Dirigiu organismos nacionais e internacionais na área da investigação e da atividade cultural, promovendo numerosas iniciativas, traduzidas em forma de colóquio seletivo, que deram origem a coletâneas de estudos imprescindíveis. Por fim, é importante lembrar que Pina Martins praticou diversos registos de escrita, que vão do estudo académico ao memorialismo e à fantasia intelectual. A propósito deste último género (sobretudo traduzido no volume intitulado *Utopia III*) deve reconhecer-se que, mais do que um intervalo nas fadigas da pesquisa, este lhe serviu ainda para um acto de razão, combinando memórias e perscrutando o futuro. Cultivando áreas de escrita muito diferentes, Pina Martins preocupou-se sempre em manter separados domínios que igualmente o atraíam mas cuja mistura considerava pernicioso.

Embora boa parte do seu percurso se encontre ligada a instituições de ensino e investigação sediadas no estrangeiro, Pina Martins é, de facto, uma figura marcante da universidade portuguesa. Tendo sido Professor em Lisboa, a sua acção estendeu-se a todo o mundo ligado aos estudos romanísticos. Relacionou-se pessoal ou intelectualmente com uma boa parte dos grandes nomes dos estudos literários do século XX, confessando-se discípulo de alguns e cúmplice de outros. Ainda assim, não deixou de exprimir discordâncias em

relação a vários desses nomes destacados. Nessa medida, o Professor Pina Martins encarnava uma civilidade académica que incluía, ao mesmo tempo, a frontalidade e o respeito. Quem hoje ler os estudos que nos legou poderá ficar surpreendido com a *vis polemica* que neles perpassa, em registo que hoje se consideraria menos cortês. Trata-se, porém, de um estilo e de uma ética que pode situar-se na senda dos humanistas, que tanto apreciava, tão propensos à investigação porfiada e criteriosa e nada condescendentes com tudo o que dela se afastasse. Por via de regra, os seus trabalhos são clarificadores, começando pelo estado da questão, delimitando *erro* e *verdade* e finalizando com conclusões objetivas, sempre sustentadas em argumentos lógicos. O facto de recorrer sistematicamente à palavra “ciência”, por exemplo, não releva de nenhum tipo de sobrançeria; antes radica numa crença firme quanto à missão dos estudos histórico-literários, cujo inimigo principal, na sua ótica, residiria no “ensaísmo infundado”, ainda que escrito de forma elegante. No seu entendimento, para preservarem a credibilidade alcançada nos claustros universitários em meados do século XIX, os estudos literários deveriam centrar-se na demonstração de teses claras e pertinentes e não na especulação interpretativa, por mais engenhosa que esta pudesse ser⁶¹.

61 Embora se encontre expressa nos seus estudos desde cedo, essa posição acentuou-se claramente na última fase da sua vida. Veja-se, a título de exemplo, o que o investigador diz no início do seu estudo sobre *Menina e Moça*, quando refere criticamente as “teses” de Teixeira Rego sobre o suposto judaísmo de Bernardim Ribeiro: “Seja como for, há que ler e não subentender os textos. Quando for indispensável subentendê-los, há que fazê-lo no respeito rigoroso do conteúdo contextual. Toda e qualquer conjectura só pode ser corretamente formulada dentro de uma hermenêutica que respeite todos os valores contextualmente significados. Tudo o que possa ter-se por extrapolação exegética, por mais coerente

Na sua vasta obra encontramos estudos que vão da literatura brasileira moderna a autores franceses e a escritores portugueses de quase todas as épocas. Mas é por demais evidente que nela existe um foco privilegiado de interesse. Refiro-me obviamente à muito particular devoção que consagrou ao Renascimento, abrangendo contextos, figuras e livros, numa constelação pluri-idiomática que o próprio gostava de designar pela palavra “Cultura”.

A sua preparação de base foi colhida na Faculdade de Letras de Coimbra, onde ainda estava bem vivo o rasto de Dona Carolina Michaëlis de Vasconcelos, referência de seriedade, perseverança e cosmopolitismo. Nessa Faculdade, onde, conjuntamente com a de Lisboa, se praticava (sobretudo no ensino) uma cultura de “banda larga”, centrada em livros (mais do que em textos), que eram valorizados na sua dimensão linguística e, ao mesmo tempo, na sua componente documental ou estética. Era realmente o tempo em que as obras literárias e as manifestações culturais em geral se apreciavam e estudavam numa perspetiva inespecífica, que abrangia a História e a Geografia da Língua e da Literatura, a Etnografia ou a Fonética. Nos anos em que Pina Martins frequentou a faculdade (ainda

que seja, por mais fascinante que a julgemos, é de pôr de remissa. Será lícito aceitá-la como exercício literário, como *pezzo di bravura* estilística e imaginativa, mas não como hipótese e muito menos como tese” [Cf. *História de Menina e Moça*. Reprodução Fac-Similada da Edição de Ferrara, 1554, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (Serviço de Bolsas), 2002, p. 23] Mais à frente, a propósito de um estudo de António Salgado Júnior sobre o mesmo assunto, dirá: “O seu estudo de 1940 – de facto interessante pelo seu carácter inovador entre nós, mas difuso e prolixo, repetitivo e composto sem um conhecimento suficiente das coordenadas *estilonovistas* – ao lado de finos recortes de análise hermenêutica, ostenta o pendor ensaístico próprio do amadorismo crítico que então proliferava entre os nossos estudiosos de problemas literários, mesmo a nível universitário” (*idem*, p. 28).

então instalada no edifício que viria a dar origem à atual Biblioteca Geral) pontificavam nomes como Joaquim de Carvalho (1892-1958), Álvaro Júlio da Costa Pimpão (1902-1984) ou Manuel de Paiva Boléo (1904-1992), qualquer deles então no auge da sua carreira. Ao longo do curso, os alunos estudavam as diferentes línguas e literaturas românicas, estas numa perspetiva bem menos textológica e bem mais histórico-cultural; mas frequentavam igualmente cadeiras de Cultura Clássica, de História e de Filosofia. Com todas as suas limitações (muitas vezes sublinhadas e que não cumpre aqui apontar) este desenho curricular seguia-se a um liceu também ele exigente do ponto de vista cultural, permitindo ao estudante uma formação articulada, ampla e sobretudo interdisciplinar.

A circulação do saber na área das Humanidades ia até um pouco mais longe. Na Faculdade de Letras de Coimbra, nomeadamente, apreciavam-se os resultados da pesquisa e da sistematização realizadas em domínios como a História institucional, que tanto se combinava com a História cultural, então afeta à Faculdade de Direito, dominada por nomes como Cabral Moncada (1888-1974), Paulo Merêa (1889-1977) ou Guilherme Braga da Cruz (1916-1977), qualquer deles marcando então presença nos vastos elencos bibliográficos das cadeiras filológicas.

Foi este o ambiente de que beneficiou o jovem José Vitorino, quando chegou a Coimbra nos anos 40 do século XX, vindo da beira serra: Penalva de Alva, onde nasceu, e Oliveira do Hospital, onde cumpriu o ensino secundário, no Colégio de Brás Garcia de Mascarenhas.

A licenciatura em Filologia Românica, que concluiu em 1947, não pode, pois, comparar-se com nenhum dos cursos que hoje são oferecidos nas Faculdades de Letras portuguesas. A especialização era bem mais tardia, coincidindo com os seminários do 4.º e 5.º anos e, sobretudo, com a feitura de uma tese que, em alguns casos, ultrapassava a centena de páginas. Pina Martins, por exemplo, acabaria

por elaborar uma tese sobre Blaise Pascal e, um ano depois, para efeitos de melhoria de nota, ainda uma outra sobre Antero de Quental⁶², depois de, por indicação de Costa Pimpão, ter tentado trabalhar sobre *Menina e Moça*. A história dessa hesitação e as condicionantes dessa escolha viriam a ser evocadas pelo próprio, na longa e a muitos títulos invulgar “Introdução” do já citado estudo sobre Bernardim Ribeiro que, para além dos seus méritos intrínsecos, constitui um bom indicador do que era, por essa época, o ambiente intelectual e humano de uma Faculdade de Letras.

A chegada a Itália, em 1948, há-de ter contribuído decisivamente para que o ainda muito jovem investigador fosse fixando os seus interesses no Renascimento. Ao mesmo tempo que assegurava aulas de Língua e Literatura Portuguesas na Universidade de Roma, Pina Martins teve oportunidade de conhecer alguns dos grandes mestres das Humanidades italianas, o que lhe permitiu ampliar conhecimentos e, sobretudo, estabelecer novas relações entre a cultura transalpina e aquelas que conhecia melhor (a francesa e a espanhola, para além da portuguesa). Deu-se então conta dos muitos erros e omissões que subsistiam sobre a circulação dos bens culturais que, ao longo dos séculos XV e XVI, se operava entre a Itália e o resto da Europa. Foi também durante a sua estadia italiana que pôde aperceber-se melhor da força irradiadora de alguns protagonistas, desde Dante a Petrarca e Giovanni Pico de la Mirandola⁶³. Foi ainda em Itália (em Roma, mais concretamente) que colheu ensinamentos profundos e sistemáticos sobre o livro antigo, concebido como documento

62 Cf. *Misérias e Grandezas do Homem em Les Pensées, de Blaise Pascal*, (Coimbra, 1974) e *A Ideia de Deus e de Morte na Poesia de Antero de Quental*, Coimbra, 1948.

63 Fora de Itália, os nomes que mais aprendeu a prezar e que se tornaram objeto constante dos seus estudos e admiração, foram, sem dúvida, Thomas More e Erasmo de Roterdão.

reportável a um conteúdo mas também como objeto que se apresenta legível na sua própria materialidade, através de aspectos tão diversos como os processos de impressão ou as condicionantes que dizem respeito ao mecenatismo e ao comércio.

Longe de poder ser considerado como um adorno de colecionador ou uma linha periférica de conhecimento, pode dizer-se que essa última componente lhe permitiu conhecer o Renascimento de forma diferente, acrescentando ao estudo das coordenadas histórico-culturais de base o contacto concreto com os livros, enquanto veículos de pensamento e enquanto testemunhos concretos de um certo espírito de época. É a essa luz que deve ser interpretada a decisão de se fazer rodear dos livros e documentos que conferem expressão a esse fantástico movimento filosófico e filológico. Isto significa, concretamente, uma escolha importante, envolvendo a preterição de outro tipo de bens. Assim foi constituindo aquela que é, ainda hoje, a mais importante biblioteca particular de incunábulo e livros quinhentistas existente em Portugal. A essa biblioteca recorria não apenas como lugar de trabalho mas também como refúgio de contemplação, espécie de “ventre simbólico” ou “objeto primordial”⁶⁴. Rodeado pelos livros que tinham visto a luz e circulado no *Quattrocento* e no *Cinquecento*, Pina Martins como que recriou a ilusão mais fiel de se sentir, ele próprio, um participante dessa comunidade intelectual, diversa mas unida por um mesmo tipo de memória e de valores. Assim deve ser entendida a evocação de saborosas histórias (algumas de verdadeiro mistério) que têm esses livros como personagem central⁶⁵.

64 As expressões são tomadas de Renaud Muller: “Le collectionneur peut assimiler en contemplant sa bibliothèque une image positive de soi et retrouver un moment son objet primordial, son *lingot de bonheur*”. Cf. *Une anthropologie de la Bibliophilie. Le désir de livre*, Paris, L’Harmattan, 1997, pp. 89.

65 Refiro-me ao volume intitulado *Histórias de Livros para*

Fascínio pelo Renascimento e fascínio pelo livro são, assim, duas faces da mesma moeda na vida pessoal e intelectual de Pina Martins. Para além de aspectos de circunstância (como se sabe, o gosto pelo livro antigo pode transformar-se numa demanda viciante) a convergência indissociável numa mesma pessoa do interesse pelo Renascimento e pelo livro antigo prende-se ainda com a ética filológica. Tal como se torna impossível sustentar uma qualquer proposta de leitura à revelia de fundamentos sólidos, revela-se difícil estudar determinados livros sem os ver e sem lhes tocar. Embora parecendo sustentada por uma envolvimento positivista (sob muitos aspectos, a Filologia é basicamente uma derivação do Positivismo), pode dizer-se que existe neste apego aos livros uma espécie de vertigem metafísica, como se fosse necessário não apenas conhecer o conteúdo de um determinado livro mas também conhecê-lo na sua forma, fazendo-o falar para além da letra impressa.

Muitas vezes sucedeu a Pina Martins sentir necessidade de se referir a um determinado livro (num júri académico ou numa simples conferência) com ele à sua beira. E não lhe bastava servir-se de uma edição fidedigna. Só recorria a esse *figurino suficiente* se não dispusesse da edição correcta (criticamente estabelecida, portanto) ou da edição original. Se a edição crítica resulta de um esforço de purificação que visa recuperar a intenção autoral, a edição original, sobretudo quando é controlada pelo autor, constitui a extensão directa e imediata da sua voz. Sabendo embora que, mesmo tratando-se de edições originais, é por vezes impossível evitar mediações desfiguradoras, o filólogo sabe revestir-se das cautelas necessárias, aproveitando apenas o que é

a História do Livro, publicado postumamente pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 2007, a partir de manuscrito preparado pelo próprio, organizado pela Dr.^a Prímula Pina Martins e por Aires Augusto do Nascimento, que para ele escreveu um prefácio modelar de saber e de afecto cúmplice.

seguro. No limite, bem pode dizer-se que o afecto aos livros se transforma num desejo de autenticidade, que mais uma vez pode ser visto como inerência do ofício, entendido como resultado da seriedade, da prudência e da solidez com que o estudioso enfrenta os desafios colocados pelos livros antigos.

É esse o sentido do que afirma a determinado passo do seu já citado estudo sobre Bernardim Ribeiro:

“A edição *princeps* de um texto, aparecida mesmo depois da morte do seu autor, é sempre um testemunho fundamental. Dir-se-ia que essa edição merece credibilidade devido à seriedade do impressor. Oferece, pois, garantias, quanto à autenticidade do mesmo texto”. (Cf. p. 25)

A sua atracção pelo Renascimento vai subindo de patamar e de intensidade mas não pode ser dissociada de um claro sentimento de aristocracia cultural. Tal como os grandes nomes da cultura renascentista, Pina Martins tinha a noção de pertencer a uma elite que contava já nomes centrais como Eugenio Garin (1909-2004), Paul Oscar Kristeller (1905-1999), Marcel Bataillon (1895-1979) ou Eugenio Asensio (1902-1996). Não enfeitando o quadro geral traçado por Jacob Burckardt e Michelet no último quartel do século XIX, sempre concebeu esse período da história europeia como um fenómeno luminoso, emancipatório e repleto de lições para o presente e para o futuro. Mas a sua admiração não era incondicional. Sempre defendeu, por exemplo, que não existia nenhum hiato entre a Idade Média cristã e o Humanismo ou o Renascimento (conceitos que, aliás, distinguia com clareza). A ideia de que os grandes nomes do *Trecento* e do *Quattrocento* ilustravam uma atitude pagã ou secular é insistentemente desmentida por si⁶⁶. A linha de continui-

66 Veja-se a este propósito o desenvolvido estudo que

dade que manifestamente preferia colocava assim o Renascimento não como a antítese da Idade Média, mas como a sua sequência natural, em função de muitos condicionalismos históricos, com destaque para a queda do Império Romano do Oriente, o saque de Roma ou o Concílio de Trento, para cujas repercussões mentais chamava reiteradamente a atenção.

Nessa medida se entende não apenas a concentração da sua pesquisa em torno de figuras e obras renascentistas como a atitude especialmente ciosa que sempre manteve em relação a esse período da cultura europeia. Embora os seus argumentos a esse respeito se revelem razoáveis, a querela que o opôs a Jorge de Sena e Aguiar e Silva em torno da aplicação do conceito de maneirismo à literatura portuguesa da segunda metade do século XVI revela isso mesmo: que não podia aceitar a aplicabilidade desse conceito, onde, entre outros, se integraria a obra lírica (pelo menos a lírica) de Luís de Camões. De acordo com a sua argumentação, Camões é um escritor onde o Renascimento reflete tal como reflete em Sá de Miranda ou António Ferreira, por exemplo. Pretender desafectar Camões deste quadro periodológico equivale a aceitar que o Renascimento não passa de uma moldura homogênea onde só cabem obras joviais e optimistas. É o que afirma designadamente, mais uma vez, no estudo bernardiniano que tenho vindo a citar:

“O Renascimento é, todavia, para muitos historiadores a época por excelência exaltante da grandeza do homem e da consciência da sua capacidade criativa. O Renascimento, para esses críticos, exprime apenas a exaltação da temporalidade e dos sentimentos de alegria

publicou em 1970 no volume II dos *Arquivos do Centro Cultural Português*, intitulado “Sobre o conceito de Humanismo e alguns aspectos histórico-doutrinários da Cultura Renascentista” (pp. 192-281).

sensível conexados ao júbilo da existência terrena. A melancolia, a tristeza existencial e a consciência dolorosa do tempo breve não seriam senão sinais específicos da própria essência do conceito de Renascimento, mas ainda vivências de uma concepção medieval do homem e do mundo. Como é óbvio, este conceito de Renascimento é historicamente um contra-senso, porque na modernidade renascentista cabem tanto a consciência plena da vivência jubilosa como o reverso do júbilo que é o saber que a existência do homem, até na participação da alegria e da glória, é feita de luz e sombra, da exaltação da vida e do sentido crepuscular da morte” (p. 68).

Pina Martins defende uma visão complexa do período em apreço, onde cabem, em simultâneo, esperança e desengano, luz e sombra. Na sua lógica de raciocínio, o que define um período estético são essencialmente as fontes a que se reporta e não as cores ou tonalidades derivadas da ideologia ou da sensibilidade. Nessa medida, enquanto metamorfoses modernas da cultura greco-latina, *Humanismo* e *Renascimento* dão corpo ao *Classicismo* que, em Portugal, só por inícios do século XIX se vê confrontado com um período novo: o Romantismo que, ao contrário do Classicismo, privilegia a cultura medieval e popular, em detrimento da Antiguidade Clássica.

Mais do que um simples tema de pesquisa, Renascimento e Humanismo foram assim, para José Vitorino de Pina Martins, um tempo e um espaço de predileção pessoal. A pulsão afirmativa da Razão (que não exclui a Fé), a correlação interartística e interdisciplinar, envolvendo artes e disciplinas hoje tão afastadas entre si como são a Literatura e a Pintura ou a Filologia e a Musicologia, configuram para o investigador português uma espécie de Idade dourada que quis recuperar nos seus estudos.

Com todos esses atributos de plenitude, pode dizer-se que o éden intelectual de Pina Martins se centrava no recolhimento e na operosidade fruitiva de uma biblioteca e de um *scriptorium*, perto dos livros e longe do mundo, para melhor poder compreendê-lo e transformá-lo.
